# MARIA DO CARMO TAVARES DE MIRANDA: A PRESENÇA FILOSÓFICA ESQUECIDA PELOS PERNAMBUCANOS

Luíza Vieira Cavalcanti
(Graduanda em História - UNICAP)
luizavieiracavalcanti@gmail.com

Prof. Dr. Walter Valdevino do Amaral
(Docente do Curso de História - UNICAP)
walterdoc@gmail.com

**Resumo**
Maria do Carmo Tavares de Miranda foi uma grande intelectual brasileira com um legado marcante para filosofia da década de 1980. Nascida em Vitória de Santo Antão, no dia 06 de agosto de 1926, recebeu de seus pais e irmãos fortes influências na sua formação erudita e católica. Na vida profissional atou como filósofa, teóloga e pedagoga, tendo sido considerada como uma intelectual de alto mérito na época. Teve a maior parte de sua formação na Europa, onde foi assistente do renomado filósofo Martin Heidegger e formou um currículo bastante diversificado. Em 1982, ela é nomeada membro da Academia Pernambucana de Letras e se torna imortal. Não obstante a sua grande trajetória como filósofa e sua produção de alto nível, a "melhor dos nossos filósofos", de acordo com Gilberto Freire. Mas, surpreendentemente, foi esquecida pela maior parte da sociedade; pois seu nome não é normalmente lembrado nem mesmo pelos intelectuais acadêmicos e nem pela população. A filósofa que foi imortalizada, aparentemente não tem mais uma memória viva, portanto, acreditamos ser necessário não apenas apresentá-la, mas também problematizar o desconhecimento de sua personalidade.

**Palavras-chave:** Relações de gênero. Biografia. Intelectuais.

## Quem foi Maria do Carmo Tavares de Miranda?

## A vida pessoal

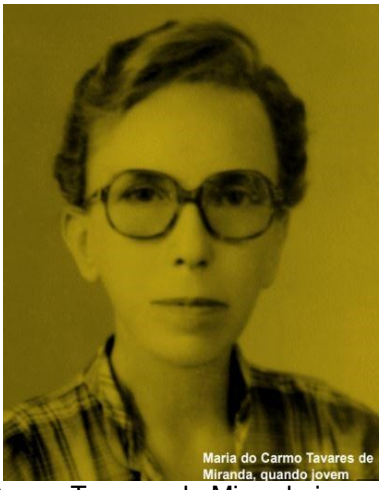



Figura 1: Imagem de Maria do Carmo Tavares de Miranda jovem, presente na revista *Continente Multicultural*, n. 61, 2006.

Maria do Carmo Tavares de Miranda nasceu no dia 6 de agosto de 1926, no município de Vitória de Santo Antão, localizado na Zona da Mata pernambucana. Recebeu muita influência de seus pais e dos seus irmãos, que eram cerca de dez anos mais velhos que ela. Seu pai, André Tavares de Miranda, foi professor do Ginásio do Recife, incentivava seus filhos a seguirem a vida erudita, ensinando-os outros idiomas como latim e grego e, incentivando-os a aprender a tocar flauta e bandolim. A sua mãe, Hercília Tavares de Miranda foi uma dona de casa muito religiosa dentro dos moldes do catolicismo tradicional, com uma devoção especial à Virgem Maria. Ainda quando criança foi morar no Recife, onde teve uma infância tranquila com seus irmãos, em sua casa com um grande quintal cheio de árvores (Cf.: RODRIGUES, in: CONTINENTE Multicultural, n. 61, 2006).

Ela tinha dois irmãos: José Tavares de Miranda, o mais velho, nascido em 16 de novembro de 1916, mais conhecido como “Tavares de Miranda” foi um colunista social muito renomado. O mesmo foi nomeado imortal pela Academia Paulista de Letras, ocupando a 36ª cadeira, cujo patrono é Euclides da Cunha; também foi membro da Academia Cristã de Letras, ocupando a cadeira de número 29, cujo patrono é São José, o Carpinteiro.

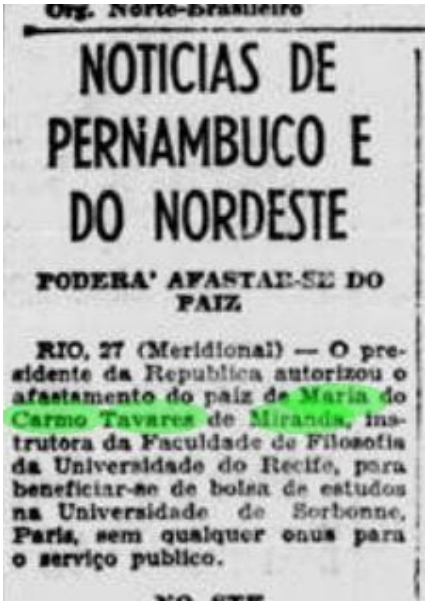
Já a sua irmã, Maria de Lourdes Tavares de Miranda, fez graduação em Letras Clássicas, pela Universidade Federal de Pernambuco, mas decidiu optar pela vida religiosa, tornando-se freira e trocando seu nome para Madre Maria Fortunata, OSB. Já com o hábito, trabalhou como professora de Música e Português nos colégios das Beneditinas e no Colégio Estadual de Olinda[1].

No dia 20 de dezembro de 2012, aos seus 86 anos, Maria do Carmo Tavares de Miranda faleceu no Real Hospital Português, localizado na capital pernambucana, por uma falência múltipla de órgãos, choque térmico e pneumonia. Deixando como herdeiros/as, seus sobrinhos e sobrinhas, uma vez que, ela não chegou a se casar e nem teve filhos.

**Formação acadêmica**

A filósofa iniciou seus estudos acadêmicos na Universidade Federal de Pernambuco, na cidade do Recife; tendo em sua formação acadêmica um currículo extenso, incluindo quatro graduações: bacharelado e licenciatura em Letras Clássicas, pela Universidade Federal de Pernambuco; bacharelado e licenciatura em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia do Recife, concluídos em 1951. Ela tinha certa facilidade em aprender novas línguas, conseguia traduzir textos em mais de oito idiomas incluindo Francês, Alemão, Grego, Hebraico e Aramaico, consoante o depoimento do jornalista Leonardo Dantas (Cf.: DANTAS, in: JORNAL do Commercio, 21 dez. 2012). O que enriqueceu ainda mais seu currículo, colaborando, assim, para sua formação profissional marcada por seus estudos no exterior. Conquanto, seguiu sua carreira mais fortemente pela área da filosofia, fazendo suas pós-graduações voltadas a esta área conhecimento. É nela, que seu nome se solidifica, passando Maria do Carmo Tavares de Miranda, a ser reconhecida mundialmente, como uma filósofa de alto mérito. Em 1955, recebeu uma bolsa de estudos para realizar sua pós-graduação em Sorbonne, na França; é a partir de seus estudos na Europa que ela dá um grande salto qualitativo em sua formação profissional.

[1] Sobre esse tema, indicamos a leitura de: BREVE relato de vida de nossa querida: Ir. Fortunata (Ma. de Lourdes) Tavares de Miranda, OSB (pela prioresa Madre Vania Maria Toscano). Publicado em 14 de junho de 2010.



Org. Norte-Brasileiro

NOTICIAS DE PERNAMBUCO E DO NORDESTE

PODERA' AFASTAR-SE DO PAIZ

RIO, 27 (Meridional) — O presidente da Republica autorizou o afastamento do paiz de Maria do Carmo Tavares de Miranda, instrutora da Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife, para beneficiar-se de bolsa de estudos na Universidade de Sorbonne, Paris, sem qualquer onus para o serviço publico.

Figura 2: Nota publicada no jornal *Diário de Pernambuco*, n. 265, 1954.

A intelectual inclui um doutorado em Filosofia pela Universidade de Paris, em Sorbonne e, outro em Filosofia da Educação pela Universidade Federal de Pernambuco; dessa última, foi professora por muitos anos, chegando à categoria de livre docente. Fez alguns cursos regulares e superiores livres na Universidade de Friburgo em Brisgóvia, na Alemanha, de Filosofia, como Metafísica; na Sorbonne fez cursos de Metafísica e Filosofia Geral entre outros; no Instituto Católico de Paris, fez cursos de Ontologia e Teologia Natural, Teoria do Conhecimento, Cosmologia Científica, Problemas Humanos das Ciências, Lógica das Matemáticas, Espiritualidade Carmelitana, Espiritualidade Inaciana e Hermenêutica Bíblica; na Escola Prática dos Altos Estudos, cursos de História das Ideias Religiosas na Europa Moderna, Origem do Cristianismo, Cristianismo Bizantino e Arqueologia Cristã, História das Doutrinas e dos Dogmas; no Colégio da França ela fez cursos de Filosofia, Física Matemática, História do Pensamento Filosófico e de Filosofia do Conhecimento.

Estes são apenas alguns dos cursos feitos por ela, mas que ilustram como a sua formação foi diversificada, enveredando inclusive para a área das ciências exatas. Neste período, mais precisamente em 1955, ela atuou como assistente do

grande filósofo alemão Martin Heidegger, fato que se caracterizou como um marco em sua carreira e abriu várias portas para a filósofa.

**Atuação profissional**

Como afirmamos anteriormente, Maria do Carmo Tavares de Miranda chegou a ter um reconhecimento internacional na sua carreira profissional; chegando a receber convites para lecionar em universidades da Europa. Apesar disso, segundo ela, seu comprometimento com Pernambuco falou mais alto, o que a faz retornar para a cidade do Recife. Na sua atuação profissional é contundente citar que foi docente da Universidade Federal de Pernambuco, sendo também a responsável pela criação da biblioteca do curso de mestrado em Filosofia desta instituição.

Foi também membro do Conselho Estadual da Cultura de Pernambuco, posição na qual coordenou diversos eventos que visavam à propagação cultural em meios não necessariamente acadêmicos. Dessa forma, tinha o objetivo de atingir a população que não tinha acesso a determinados conteúdos e incentivar aos pernambucanos/as a criarem o interesse por diversas formas de conhecimentos, principalmente pela filosofia. Ela também fez parte do Conselho Estadual da Educação (do Estado de Pernambuco), nos anos de 1964 a 1967, no qual participou de alguns projetos populares e foi diretora do Departamento de Recursos Humanos da SUDENE, no ano de 1964.

Antes de se tornar imortal pela Academia Pernambucana de Letras, a acadêmica participou da Fundação Joaquim Nabuco, fundada pelo seu admirador, Gilberto Freyre, no início dos anos 80 do século passado. O sociólogo costumava chama-la de *a filósofa de Paris*, graças à sua formação no exterior e também a intitulava como *a melhor dos nossos filósofos.* A relação entre os grandes intelectuais era recíproca, entre 1982 a 1987, ela atuou como diretora adjunta do Seminário de Tropicologia da Fundação Joaquim Nabuco. Na qual, realizou diversas produções, algumas delas dedicadas exclusivamente ao sociólogo Gilberto Freyre, outras ao seu mentor Heidegger. Quando Freyre faleceu, em 1987, ela assumiu o posto de diretora interina daquele seminário, atuando na instituição até 1990.

O seu caminho, termo muito apreciado por ela[2], como imortal da Academia Pernambucana de Letra, começa em 1982, após a morte de Dulce Chacon, até então ocupante da cadeira de numero 7, antecedida por Edwiges de Sá Pereira. Com a abertura de uma vaga para mais um membro na Academia Pernambucana de Letras. Maria do Carmo Tavares de Miranda, pela sua trajetória, indubitavelmente merecia ocupar esse espaço de poder intelectual, carregando consigo todo peso que o título lhe daria. Destarte, no dia 23 de Dezembro de 1982, a filósofa pernambucana lança sua candidatura para se tornar membro da Academia. Assim, no jornal *Diário de Pernambuco,* é então divulgada uma nota a respeito de tal informação e, também, é informado ao público que ela estaria concorrendo à imortalidade com Alberto Frederico Lins, e que este estaria propenso a desistir (Cf.: LETRAS pernambucanas, in: DIÁRIO de Pernambuco, 9 jan. 1983).

Entretanto, a informação dada no livro *Academia Pernambucana de Letras: efemérides*, publicado em 2006 pela própria Academia Pernambucana de Letras, é de que a filósofa é eleita imortal em 14 de março de 1983, como candidata única. O seu concorrente para a cadeira de número 7, enviou uma carta ao então presidente da Academia Pernambucana de Letras, Waldemir Miranda. Na qual, são ditas as seguintes palavras:

> Sendo candidato à cadeira n°7, desta instituição, vaga com a morte da escritora DULCE CHACON, e tendo conhecimento de que é, também, postulante a professora MARIA DO CARMO TAVARES DE MIRANDA, figura das mais expressivas do pensamento pernambucano e por quem tenho respeitosa admiração de discípulo – venho com esta carta formalizar a minha desistência, deixando de concorrer a uma eleição que se tornaria, assim, a disputa entre dois amigos que se estimam (CARTA de Alberto Frederico Lins à Waldemir Miranda, 9 jan. 1983).

Dessa forma, seu concorrente renuncia a candidatura e, no dia 20 de junho de 1983, aos 56 anos de idade, Maria do Carmo Tavares de Miranda é intitulada como a mais nova imortal da Academia Pernambucana de Letras, ocupando a cadeira vacante. Tornando-se a terceira mulher a fazer parte desta instituição, posição esta, que possuía muito prestígio social naquele período, ainda mais para

[2] Referência feita ao livro *Caminhos do Filosofar*, de Maria do Carmo Tavares de Miranda.

uma mulher[3]. Ao assumir esta posição, a filósofa revelou seus planos para o futuro, dizendo que o seu objetivo seria se aproximar mais da Literatura (Cf.: D'OLIVEIRA, in: DIÁRIO de Pernambuco, 20 jun. 1983). Naquele momento, ela já estava com a sua saúde debilitada, poucas vezes seu nome é citado nos documentos da Academia como palestrante ou organizadora de eventos. Ela foi muito homenageada pela instituição, mesmo que a sua vida estivesse dificultada pelos seus problemas de ordem orgânica. Posteriormente a sua vitória é lançada uma matéria sobre a concorrência para a ocupação de vagas na Academia Pernambucana de Letras, citando o ocorrido (Cf.: LEITE, in: DIÁRIO de Pernambuco, 12 mai. 1983).

As suas principais obras são: *Théorie da la verité chez Edouard le Roy* (1957) - Tese de doutorado; *Educação no Brasil: esboço de estudo histórico* (1960); *Pedagogia do tempo e da história* (1965); *Fé hoje?* (1966); *Os franciscanos e a formação do Brasil* (1969); Tradução, introdução e anotações ao *Da experiência do pensar*, de Martin Heidegger (1969); *Diálogo e meditação do viandante* (1975); *O ser da matéria* (1976); *Sobre o caminho do campo de Martin Heidegger* (1977); *O homem e o tempo* (discurso de posse na Academia Pernambucana de Letras, 1983); *Conjugando memórias* (1987); *Caminhos do filosofar* (1991); *L'art, la science et la méthaphysique* (1993); *Aventura humana* (1996); e *Papas: trajetória e testemunhos* (2008).

**O esquecimento de Maria do Carmo Tavares de Miranda**

Como vimos, a filósofa foi bastante reconhecida em sua época, sendo muito citada nos jornais e na mídia em geral. Apesar disso, poucas décadas depois, seu nome não é mais lembrado nem mesmo nos cursos de filosofia e, aparentemente, muito menos pela sociedade em geral. Destarte, cabe ser feita uma problematização de seu esquecimento e, para isso, é necessário apropriar-se de alguns conceitos teóricos.

[3] A primeira mulher a entrar na Academia Pernambucana de Letras só se torna membro quase 20 anos após a fundação da instituição. No texto *A (in)elegibilidade feminina na Academia Brasileira de Letras*, Michele Asmar Falini, descreve um pouco sobre a dificuldade encontrada pelas mulheres para se tornarem imortais no Brasil (Cf.: FALINI, in: TEMPO Social, v. 22, n. 1, 2010).

Tomando como ponto de análise a historiadora Joan Scott em dois de seus textos: *Gênero: uma categoria útil de análise* histórica e *História das mulheres*. Para compreender, portanto, como se dá a distinção dos conceitos de *gênero* e de *história das mulheres,* bem como, o meio de abordar estes termos na história. Consoante a essa autora, gênero não implica em uma tomada de posição, ou seja, não deve ser considerado como uma área de conhecimento. Não obstante a isso, o "termo 'história das mulheres' proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos" (SCOTT, 1990, p. 75).

Portanto, é feito um estudo no campo de história das mulheres para problematizar dentro dele as relações de gênero. Dessa forma, rememorar Maria do Carmo Tavares de Miranda é declarar uma posição política ao transformar essa mulher em sujeito histórico e questionar as imposições sociais delimitadas pelo gênero como uma das condições para o seu esquecimento.

Além disso, também se observa em conceitos como os colocados pela filósofa Judith Butler e historiadora Arlette Farge, a necessidade de explorar este conteúdo questionando o fato de uma filósofa pernambucana que foi tão conhecida, não ser nem mais lembrada pelas instituições em que sua atuação se deu de forma mais presente. A primeira foi utilizada para compreensão da problematização feita sobre gênero, utilizando conceitos como heterossexualidade compulsória, falocentrismo e a restrição binária. Para assim, buscar entender qual o papel dos/as historiadores e historiadoras neste processo, e compreender que a valorização e reconhecimento levam em consideração o gênero e sua construção social. A segunda foi utilizada com o objetivo de entender a formação da história das mulheres e o que isso simboliza. Pois para Arlette Farge, a partir dos anos 1980, o estudo que predominava era apenas descritivo sobre a condição da mulher e feito geralmente por homens. Ainda segundo ela: "A *história das mulheres* é uma aventura editorial" (FARGE, 2015, p. 103), e apresenta-se, como se a realidade estivesse coagulada mesmo em meio aos avanços feitos com relação a colocação das mulheres na sociedade. É possível, em contrapartida, considerar que a história

das mulheres em consonância com a diferença dos sexos possa representar a possibilidade de alterações – através da evidência – em conjunturas sociais.

Maria do Carmo Tavares de Miranda recebeu grande prestígio durante toda a sua vida, porém há algumas questões a serem levadas em conta para problematizar seu esquecimento. A primeira delas, é que o meio acadêmico é competitivo e muitas vezes sexista, ainda mais se tratando do campo da filosofia. Assim, quanto mais mérito de ascensão tem uma mulher nesse meio, mais se considera que ela está "tomando o espaço" que era para ser ocupado por um homem. O esquecimento, neste caso, é considerado como um instrumento proposital para silenciar a atuação das mulheres dentro da história. Outro ponto a ser analisado, é que há também, uma linha que pensa esse esquecimento como consequência das ações da própria filósofa. É o que foi colocado por José Mário Rodrigues: "A reclusão voluntária de Miranda teve um custo: seu nome desapareceu da mídia e sua obra não foi reeditada, até agora. Uma grande injustiça a quem é considerada, nos meios universitários europeus, uma das expressões das mais altas da intelectualidade brasileira" (RODRIGUES, in: CONTINENTE Multicultural, n. 61, 2006, p. 83).

Assim, é colocada a culpa de seu esquecimento nas próprias ações da filósofa, como se a personalidade reclusa que tinha fosse um dos motivos que fizessem com que a sua carreira não possuísse uma memória viva. Porém, essa reclusão também pode ser analisada por outro parâmetro. Maria do Carmo Tavares de Miranda não deixou de produzir mesmo em seus últimos momentos de vida, quando estava com a saúde muito debilitada e sua locomoção também, por necessitar de cadeira de rodas para se locomover. E mesmo que houvesse essa reclusão voluntária, acreditamos que não justificaria todo o esquecimento do seu nome e de suas ações. Destarte, analisando este ponto em comparação com as palavras das teóricas anteriormente citadas, o papel da história se volta para isso não deixando com que essa memória se apague, pois até a colocação de que seu desaparecimento seria culpa dela é uma questão a ser revista e questionada.

## Considerações finais

Para nós, a imagem de Maria do Carmo Tavares de Miranda é certamente intrigante, pois mesmo tendo sido ela uma personalidade reconhecida no Estado, país e exterior, após a sua morte foi "esquecida", em especial, pela sociedade pernambucana. Entretanto, acreditamos que se faz necessário a valorização de mulheres como a filósofa apresentada para que a construção de sua história sirva de exemplo para outras mulheres e, se tenha um reconhecimento igualitário do esforço do trabalho independentemente do gênero.

Na filosofia vive-se uma constante luta para que as mulheres sejam reconhecidas como "seres pensantes" que merecem ser abordadas com respeito e reconhecimento. Dificilmente os textos de filósofas são abordados nas universidades e principalmente nas escolas de ensino básico e médio. Filósofos reconhecidos como Arthur Schopenhauer, Rousseau até mesmo Hegel, desconsideram na mulher a capacidade de pensar de modo filosófico, produzir e ter influência em sua produção. Dessa forma, é cabível entender Maria do Carmo Tavares de Miranda como uma imagem que simbolizou certa "ameaça" aos homens da área filosófica, devido a sua vasta formação e atuação profissional que foi reconhecida por diversas instituições. Mais que isso, como ela atuou também como teóloga e pedagoga, ganhou espaço também em outras áreas do conhecimento. Essa visão de tomada de "poder"[4] é nítida pela forma como foi retratada nos jornais e revistas que evidenciam o alto nível intelectual da acadêmica.

Portanto, a filósofa pernambucana que conquistou um lugar que, antes era alcançado apenas por homens, foi sendo surpreendentemente esquecida. Ela passou a ser menos citada nas reuniões, nos jornais e em outros meios de circulação. De suas obras, a maioria, não foram reeditadas e não entrou em grande circulação.

Desse modo, é parte do papel dos historiadores e historiadoras fazer com que pessoas, mais especificamente mulheres, como Maria do Carmo Tavares de Miranda, não sejam esquecidas pela sociedade. A valorização da trajetória de vida dessa filósofa e das suas obras faz com que toda a trajetória que percorreu, faça

[4] Para nós, a leitura de poder nesse caso, é como o espaço privilegiado provido pela intelectualidade academicista no meio social.

parte da história e seja mais evidenciado dentro da filosofia. Essa mudança do olhar da história com relação aos seus objetos e sujeitos visa justamente dar voz histórica aos que sempre foram silenciados/as.

**Referências**

APL. **Academia Pernambucana de Letras**: efemérides. Recife, APL, 2006. v. 2.

BREVE relato de vida de nossa querida: Ir. Fortunata (Ma. de Lourdes) Tavares de Miranda, OSB (pela prioresa Madre Vania Maria Toscano). Publicado em 14 de junho de 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARTA de Alberto Frederico Lins à Waldemir Miranda. Recife, dia 9 de janeiro de 1983.

FILOSOFIA de luto no Estado. **Jornal do Commercio**, Recife, 21 dez. 2012. Caderno C, p. 9.

FALINI, Michele Asmar. A (in)elegibilidade feminina na Academia Brasileira de Letras. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 149-177, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v22n1/v22n1a08>. Acesso em: 5 nov. 2018.

FARGE, Arlette. Lugares **Para a História**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2015.

LEITE, Waldemir Maia. De academia e agouros. **Diário de Pernambuco**, Caderno A-9, Recife, 12 mai. 1983, p. 9.

LETRAS pernambucanas. **Diário de Pernambuco**, Caderno B-6, Recife, 9 jan. 1983, p. 38.

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. **Caminhos do Filosofar**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1991.

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. Sobre o Seminário de Tropicologia. **Ciência & Trópico**, Recife, ano 11, n. 1, p. 47-69, jan./jun., 1983.

NOTÍCIAS de Pernambuco e do Nordeste. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 265, 1954, p. 11.

D'OLIVEIRA, Fernanda. Maria do Carmo Tavares de Miranda: mais uma mulher ascende hoje à Academia Pernambucana de Letras. **Diário de Pernambuco**, Seção B, Recife, 20 jun. 1983, p. 1.

RODRIGUES, José Mário. Maria do Carmo Tavares de Miranda: a opção pelo pensar. **Continente Multicultural**, Recife, n. 61, p.80-83, jan. 2006.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1990. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 5 nov. 2018.

_____. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 65-98.